

Estigma social e sua relação com a homossexualidade

Na Grécia antiga, o termo *estigma* se referia a um signo que era talhado ou queimado no corpo de um indivíduo considerado moralmente defeituoso e que deveria ser evitado a qualquer custo. Em outras palavras, o estigma pode ser entendido como uma marca pública (física ou metafórica) de vergonha e desonra que outorga ao indivíduo um status social baixo. No século XX, a palavra foi re-significada por Goffman ([1963] 1988) para se referir ao atributo de uma pessoa que é profundamente desacreditada, reduzindo-a em nossas mentes a um indivíduo maculado que pode ser descartado a qualquer momento. Assim, um indivíduo estigmatizado possui (real ou imaginariamente) atributos ou características que exprimem uma identidade social que é depreciada em contextos particulares. Vale lembrar que quando falamos em “indivíduo estigmatizado” estamos nos referindo a um *papel social* e não a características concretas, essenciais ou intrínsecas à determinados seres humanos. Uma pessoa que é estigmatizada é alguém cuja identidade social, ou pertencimento a uma categoria social, questiona sua plena humanidade: a pessoa é defeituosa aos olhos dos outros e está inabilitada para a aceitação social plena (Crocker e cols., 1998).

Para estes autores, o estigma é considerado uma ameaça situacional, isto é, em determinadas situações o indivíduo estigmatizado pode ser tratado ou julgado de forma diferente devido a seu estigma. A possibilidade de ser vítima de preconceito e discriminação existe independentemente do status pessoal ou das conquistas do estigmatizado. Neste sentido, imagens estigmatizantes podem ser comparadas aos estereótipos descritos acima, visto que sua presença contamina as nossas atitudes e comportamentos com relação ao indivíduo estigmatizado, além do fato delas também serem internalizadas por estes últimos. Apesar de que uma determinada característica (física ou mental) possa sinalizar a pessoa como tendo uma identidade social depreciada, esta identidade é socialmente construída, não natural. Isto significa que os atributos que são estigmatizados em uma determinada sociedade podem não o ser em outra, e que o que é depreciado não é o estigma em si, mas o que ele simboliza.

De acordo com Goffman ([1963] 1988), existem três tipos distintos de condições estigmatizantes: estigmas *tribais* (familiares, passados de geração para geração, incluindo pertencimento a determinados grupos raciais, nacionais, étnicos ou religiosos), *abominações do corpo* (características físicas tais como “defeitos” físicos e desfigurações) e *culpas no caráter individual* (relacionadas com a personalidade ou comportamento do indivíduo, incluindo doenças mentais, vícios, crimes e homossexualidade). Outros autores (e. g. Jones e cols., 1984) tentaram especificar as dimensões nas quais as diferentes condições estigmatizantes podem variar. Foram identificadas, desta forma, seis dimensões: *ocultamento* (se o estigma pode ser ocultado dos outros), *curso* (a forma através da qual o estigma muda com o tempo), *perturbação* (de que forma o estigma atrapalha interações sociais), *qualidades estéticas* (em que grau o estigma torna o indivíduo feio ou repulsivo), *origem* (como o estigma foi adquirido e quem é responsável) e *perigo* (o tipo e grau de perigo que o estigma coloca para outros). Cada uma destas dimensões tem implicações distintas em como o estigma afeta interações sociais, variando, obviamente, com o tipo de estigma. No caso dos homossexuais, as dimensões mais importantes parecem ser a de *ocultamento* e a de *origem*. A primeira dimensão será desenvolvida nos parágrafos seguintes, enquanto a segunda será trabalhada mais adiante quando fizermos a distinção entre homossexualidade como *condição biológica* e homossexualidade como *opção*.

Goffman ([1963] 1988) se refere à dimensão ocultamento de forma um pouco distinta da de Jones e cols. (1984), classificando os indivíduos estigmatizados como *desacreditados* ou *desacreditáveis*. O indivíduo *desacreditado* é aquele cujo estigma é imediatamente evidente ou já é conhecido pelas pessoas à sua volta. Como exemplo, poderíamos citar pessoas com desfigurações faciais, em cadeiras de rodas, etc. O *desacreditável* é aquele com um estigma que não está imediatamente aparente e nem se tem dele um conhecimento prévio. Este seria o caso, por exemplo, de ex-criminosos ou de homossexuais. Vale lembrar que esta divisão é extremamente importante, apesar de ser comum que uma mesma pessoa passe por ambas situações. No caso do indivíduo desacreditado o problema que se coloca é a *manipulação da tensão* gerada durante os contatos sociais; no caso do desacreditável é a *manipulação da informação* sobre o seu estigma. “*Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo;*

revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde.” (Goffman, [1963] 1988: 51).

Assim, tal como vimos anteriormente, chama-se *encobrimento* ao fato do indivíduo estigmatizado esconder e manipular informações sobre sua verdadeira identidade, recebendo e aceitando um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito. Neste tipo de situação, um homossexual, exercendo um controle estratégico sobre a imagem de si mesmo, tentaria passar por heterossexual, com o intuito de que sua identidade real não perturbe suas relações sociais. Comumente estes indivíduos levam uma “vida dupla”, prevenindo-se de todas as formas possíveis para não serem “apanhados em flagrante”, isto é, que o estigma não seja revelado inadvertidamente. Em algumas ocasiões, o indivíduo que se encobre pode passar por situações não previstas que o obrigam a dar uma informação que revela seu estigma, por exemplo, quando um homossexual que coabita com seu parceiro decide fazer um seguro de vida e tem de explicar a escolha singular do beneficiário. Ele pode sofrer também de uma pressão crescente para elaborar mentiras, uma atrás da outra, para evitar uma revelação. Outra possibilidade apontada por Kates (1998) é o uso de *desidentificadores*, isto é, adotar certos comportamentos ou objetos que transmitam a idéia de que o homossexual pertence à categoria dos heterossexuais. Um exemplo deste tipo de situação seria a frequência com que muitos homossexuais não-assumidos elaboram relatos fictícios de conquistas amorosas de mulheres. Estas técnicas de encobrimento podem, por sua vez, ferir os sentimentos de outras pessoas, dar margem a mal-entendidos ou criar situações de extorsão nas quais uma pessoa que conhece o estigma solicita dinheiro para não revelá-lo.

Devemos mencionar aqui os *contatos mistos*, isto é, os momentos em que indivíduos estigmatizados e aqueles que não o são estão na mesma situação social ou na presença física imediata um do outro. Amiúde, o indivíduo estigmatizado sente-se inseguro em relação à maneira como será identificado e recebido pelos demais, e o medo de que os outros possam desrespeitá-lo por uma característica sua significa que ele precisa manter-se em um constante “estado de alerta”. Nestas situações o estigmatizado pode ter a sensação de não saber aquilo que os outros estão “realmente” pensando dele, ou sentir-se em “exibição”. Por outro lado, estes contatos são freqüentemente constrangedores e tensos, podendo provocar erros de

atribuição, mesmo quando os indivíduos são bem intencionados³⁴. Como exemplo podemos citar o caso de um homossexual que se encontra com um heterossexual. O heterossexual, que é tolerante, quer reagir sem preconceito, mas sentindo-se inseguro ele se contém um pouco. O homossexual, esperando atitudes negativas da maioria das pessoas, interpreta de maneira errada a hesitação e reage com antagonismo (Myers, 2000). Uma forma de lidar com esta angústia é responder antecipadamente através de uma capa defensiva, geralmente expressa como agressividade. Este tipo de comportamento parece ser bastante comum entre homossexuais que fazem questão de expor sua orientação sexual, principalmente em situações nas quais ela não é relevante.

Em vez de se retrair, o indivíduo estigmatizado pode tentar aproximar-se de contatos mistos com agressividade, mas isso pode provocar nos outros uma série de respostas desagradáveis. Pode-se acrescentar que a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para a outra, tornando manifesta, assim, uma modalidade fundamental na qual a interação *face-to-face* pode tornar-se muito violenta. (Goffman, [1963] 1988: 27)

Com relação ao retraimento, podemos dizer que o controle da informação sobre o estigma pode prejudicar gravemente qualquer tipo de relação interpessoal, desde as mais passageiras até as mais íntimas. Desta forma, com medo de dizer (ou fazer) alguma coisa que revele sua “verdadeira” identidade, o estigmatizado pode acabar se isolando progressivamente de qualquer contato social. O indivíduo que se encobre também paga um alto preço psicológico por esta atitude, apresentando com frequência um elevado nível de ansiedade por viver uma vida que pode entrar em colapso a qualquer momento. Para não revelar seu estigma inadvertidamente estes indivíduos precisam estar constantemente atentos para aspectos da situação social que outras pessoas não percebem ou não dão importância. Aquilo que para as pessoas não-estigmatizadas é um ato rotineiro pode tornar-se um grave problema de manipulação para os estigmatizados que, por este motivo, deixam muitas vezes de aproveitar as coisas simples da vida. Assim, com a intenção de evitar este tipo de desgaste psíquico, muitas pessoas optam voluntariamente por revelar-se, deixando de ser um indivíduo

³⁴ Em contatos mistos tanto indivíduos estigmatizados como aqueles que não o são experienciam ansiedade e desconforto, mas nosso estudo se limitará apenas às sensações dos estigmatizados, pois são estes sujeitos que constituem o foco desta tese.

desacreditável (que precisa manipular informações) para transformar-se em *desacreditado* (que precisa manipular situações sociais difíceis). No caso dos homossexuais este fenômeno é denominado “assumir-se” ou “sair do armário”, expressão que vem do Inglês “*to come out of the closet*”.

Crocker e cols. (1998) descreveram quatro aspectos particularmente importantes na experiência fenomenológica de um indivíduo estigmatizado: experiências com preconceito e discriminação, consciência da qualidade negativa de sua identidade social, ameaça do estereótipo e ambigüidade de atribuição. Visto que os três primeiros aspectos foram abordados anteriormente, nos limitaremos a explicar apenas o que se convencionou chamar de *ambigüidade de atribuição*. As causas de determinados eventos podem ser ambíguas para qualquer pessoa (independente dela ser estigmatizada ou não), mas os autores acima argumentam que as causas de alguns desfechos podem ser particularmente ambíguas para indivíduos estigmatizados, devido ao papel que sua identidade social desvalorizada pode ter nesses desfechos. A ambigüidade reside no fato de não saber se um resultado ocorreu devido a qualidades pessoais ou por reações ao estigma. Dito de outra forma: em muitas situações a pessoa estigmatizada tem bastante certeza de que o tratamento diferenciado que recebeu foi devido a preconceito e discriminação. Em outras, no entanto, ela pode sentir um grau considerável de incerteza, independente do desfecho ser negativo ou positivo.

Desfechos negativos podem ter tanto uma atribuição externa (“isto me aconteceu por causa de preconceito e discriminação”) quanto interna (“isto aconteceu porque eu não sou competente, inteligente, etc.”). Os desfechos positivos, por sua vez, são ainda mais ambíguos. Se a atribuição for interna eles refletem o mérito do próprio indivíduo, e seu significado pessoal pode ser aumentado pelo fato do acontecimento positivo ter ocorrido a despeito da identidade estigmatizada. Por outro lado, se a atribuição dada ao acontecimento for externa, o indivíduo pode acabar descartando o evento junto com seus aspectos positivos por acreditar que estes ocorreram porque alguém sentiu “pena” dele e do seu estigma, diminuindo ainda mais sua auto-estima. Desta forma, a ambigüidade de atribuição pode gerar uma série de conseqüências negativas para o indivíduo estigmatizado, incluindo não saber quais são suas habilidades reais e seu potencial (o que prejudica o estabelecimento de objetivos, estratégias e metas profissionais), diminuição da motivação (se a pessoa não vê uma relação direta entre seus

esforços pessoais e determinados desfechos) e relacionamentos baseados em desconfiança e suspeitas. No caso de realmente haver ocorrido discriminação a consequência é ainda mais grave, pois o indivíduo deixa de reivindicar seus direitos, contribuindo para sua sensação de desamparo.